

MOACYR SCLIAR

Território da emoção

Crônicas de medicina e saúde

Organização e prefácio
Regina Zilberman



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by herdeiros de Moacyr Scliar
Copyright da organização e do prefácio © 2013 by Regina Zilberman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Victor Burton

Foto de capa
<completar>

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Adriana Cristina Bairrada
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Scliar, Moacyr, 1937-2011.

Território da emoção : crônicas de medicina e saúde /
Moacyr Scliar ; organização e prefácio Regina Zilberman. — 1ª
ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2238-7

1. Crônicas brasileiras 2. Medicina 3. Saúde I. Zilberman,
Regina. II. Título.

13-01485

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Leitura prazerosa sobre a saúde – Regina Zilberman, 9

I. LITERATURA E MEDICINA

Literatura e medicina: doze obras inesquecíveis, 23

Um anêmico famoso, 25

Literatura como tratamento, 28

A doença de Machado de Assis, 31

Medicina e ficção, 33

Literatura & medicina, 35

II. HISTÓRIAS DE MÉDICOS

Médico desempregado, 39

O ferrão da morte, 41

O dilema dos analistas, 44

Urgência: a visão do paciente
e a visão do médico, 47

Os dez mais da medicina brasileira, 50

Em busca do esqueleto, 52
Medicina e arte: a visão satírica, 55
Batalha final, 58
Medicina e racismo, 61
Piedosas mentiras, 63
A mulher e sua saúde, 66
Brigando contra a vacina, 69
Médicos ou monstros?, 72
Doação, 75
Biologia e preconceito: o caso da síndrome de Down, 78
Médicos nas barricadas, 81
Pequenas ressurreições, 84
Queixas de médicos, 86

III. MEMÓRIAS DE UM MÉDICO

No limiar da existência, 91
Há algum médico a bordo?, 93
A emoção da emergência, 95
Histórias de médico em formação, 97
Ciência e ficção, 100
Depois do trauma, 102
Último suspiro, 104
O menino triste. Triste ou deprimido?, 106
Fumo: o paciente que curou seu médico, 109
Aprendendo a conviver com a morte, 111

IV. NOSSO CORPO

Esta porta do mundo, o olho, 117
O sangue como metáfora, 120
A gordura fora do lugar, 123

Nossa amiga, a dor, 125
Nosso humilde suporte, 127
A postura do corpo, a postura na vida, 129
Exercício: cuidado com o excesso, 131
A rigidez das artérias, a rigidez da vida, 134
Os mistérios da memória, 136
A maratona e a vida, 139
A trompa como símbolo, 142
Nem sempre o psiquismo é o mais importante, 145
O elogio dos canhotos, 148
Lembrem-se dos pés, 150
O sono que merecemos, 153
Humores e hormônios, 155

V. OS MALES QUE NOS AFLIGEM

Ninhos vazios, 159
Em defesa dos fumantes, 161
Doce melancolia, 164
O que, mesmo, é doença?, 167
Histórias de camisinhas, 169
A estrada e o pânico, 172
O medo alavancado pela imaginação, 175
Os gordinhos em foco, 178
Os usos do esquecimento, 181
Sem medo de ser infeliz, 183
Entendendo a melancolia, 185
Vírus e janelas, 188
Trabalho e saúde, 191
Uma palavra que marcou o nosso mundo, 194
Células e coringas, 197
Indesejável efeito colateral, 199

Anorexia: a história se repete, 202
A cultura do remédio, 205
O TOC e suas incógnitas, 207
No aniversário da cortisona, 209

VI. COMPORTAMENTOS

O elogio da preguiça, 213
A doença e seu nome, 216
A vida bem temperada, 219
Os andarilhos da saúde, 222
Ruim com ele? Talvez. Mas pior sem ele, 225
A lógica dos alimentos, 228
O que abunda não prejudica? Depende, 231
Grotesco e perigoso, 234
Antibiótico não cura ansiedade, 237
Drogas: a controvérsia, 240
A controvérsia do planejamento familiar, 243
Em nome da vida, 246
Sexo furtivo, 248
O alongamento como metáfora, 251
O que acontece com as promessas do Ano-Novo?, 253
Afinal, é bom ou não é?, 255
Pílula do dia seguinte, 258
Alzheimer e estilo de vida, 261
Maratona e resiliência, 264
Lidando com a agressão entre jovens, 266
Estimulando a doação, 268
Remédio não é mágica, 270
Dá para proibir as bebidas energéticas?, 272
Um problema que deve ser enfrentado, 274

I. LITERATURA E MEDICINA

Literatura e medicina: doze obras inesquecíveis

[04/11/1995]

A medicina e a palavra escrita sempre andaram juntas. A arte de curar foi evoluindo através de obras que eram reverenciadas pelos médicos como a Bíblia, a começar pelos textos atribuídos a Hipócrates — atribuídos, porque não se sabe se foi ele quem realmente os escreveu. Os livros de Galeno, que viveu no segundo século depois de Cristo, representaram a mais importante fonte de conhecimento sobre doenças durante o milênio que durou a Idade Média. O *Regimen sanitatis Salernitanum*, um livro sobre higiene escrito pelos médicos da chamada Escola de Salerno, já no fim do período medieval, era muito lido, entre outras razões porque composto em versos facilmente memorizáveis. *De humani corporis fabrica*, de Vesálio, foi o primeiro tratado de anatomia digno deste nome. E assim por diante: hoje qualquer estudante de medicina sabe que, em caso de dúvida, deve recorrer aos grossos manuais, o *Cecil* ou o *Harrison*. Claro, breve tudo isto estará em disquete; por enquanto, o livro ainda reina soberano.

Mas não é só nos textos científicos que está a medicina. A

literatura muitas vezes se inspirou na doença e na figura do médico para nos dar algumas obras magistrais. E muitos jovens buscaram a profissão influenciados pelo trabalho dos escritores.

Os meus preferidos? Aqui estão doze deles: *A montanha mágica*, de Thomas Mann, escrito numa época em que a tuberculose ainda era tratada em sanatório (como aconteceu com a mulher de Mann). Como todo grande escritor, Thomas Mann usa a doença para mergulhar na condição humana, porque, como ele mesmo diz, “a doença nada mais é que a emoção transformada”. *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, uma curta e dilacerante novela sobre um homem que está morrendo de câncer, enfrentando a hipocrisia e a indiferença de médicos e familiares. *Arrowsmith*, de Sinclair Lewis, uma irônica descrição dos bastidores da ciência. *O dilema do médico*, peça teatral de Bernard Shaw, cujo prefácio é uma das melhores análises sobre a mercantilização da medicina (“Pagar a um cirurgião pelas pernas que amputa da mesma forma que se paga a um padeiro pelos pães que faz é acabar com toda a racionalidade”). *O doente imaginário*, de Molière, também uma peça de teatro, também satírica. *A cidadela*, de A. J. Cronin, a lacrimosa história de um jovem médico, que levou vários jovens à faculdade de medicina. *The Doctor Stories*, de Williams Carlos Williams, grande escritor que, como pediatra, trabalhava em bairros pobres de sua cidade nos Estados Unidos. *Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo, também sobre a comercialização da medicina. *O alienista*, de Machado de Assis, notável sátira à psiquiatria autoritária do fim do século XIX. *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, sobre os racistas médicos da Bahia no começo do século. *A peste*, de Camus, e *O amor nos tempos do cólera*, de García Márquez: ficção nascendo das pragas. Obras importantes, deveriam figurar no currículo médico, junto com o *Cecil* e o *Harrison*.

Um anêmico famoso

[22/02/2003]

Em 1914, o escritor Monteiro Lobato, então fazendeiro de Taubaté, São Paulo, publicou em *O Estado de S. Paulo* dois artigos, “Urupês” e “Velha Praga”, queixando-se dos caboclos do interior, segundo ele, inadaptaíveis à civilização. O texto de maior impacto falava de Jeca Tatu: caboclo apático e preguiçoso, comparável aos urupês, plantas parasitas.

Mas Lobato acabou abandonando essa visão irritada e pessimista. A mudança foi desencadeada pela leitura do relatório “Saneamento do Brasil”, dos sanitaristas Artur Neiva e Belisário Pena. Colaboradores do grande sanitarista Oswaldo Cruz, Neiva e Pena tinham, como seu mestre, viajado extensivamente pelo interior do Brasil. Na volta, redigiram um relatório descrevendo a espantosa miséria e a deprimente condição sanitária no interior do Brasil — o Nordeste, sobretudo.

Tal relatório mexeu com muita gente — Lobato, inclusive. O problema do Jeca Tatu, constatava-o agora, não era preguiça, era doença, sobretudo a verminose. Naquela época, era muito comum a necatorose ou ancilostomíase, causada por um minús-

culo verme que, vivendo no solo, penetra no corpo pela sola dos pés — a maioria dos brasileiros não tinha calçado — e termina seu ciclo no intestino, sugando o sangue e causando anemia, não raro grave; anemia esta responsável, juntamente com a desnutrição, pelo desânimo e pela fraqueza dos caboclos. Impressionado, dizia Lobato em texto dirigido ao imaginário Jeca: “Eu ignorava que eras assim, meu caro Tatu, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas um zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não”.

Mas àquela altura Jeca Tatu estava famoso. Até Rui Barbosa recorreu a ele para protestar contra o poder público. Movido talvez pela culpa, Lobato achou que precisava fazer alguma coisa pelos Jecas do Brasil. Associou-se a Cândido Fontoura, farmacêutico que criara um tônico muito popular. Tratava-se de uma fórmula complexa, anunciada com um mágico pregão: “Ferro para o sangue, fósforo para os músculos e nervos”. Havia ainda um pouco de álcool, adicionado por razões de formulação, mas que não deixava de alegrar a pessoa (recentemente tal adição foi proibida pelo Ministério da Saúde). O Biotônico Fontoura — o nome foi dado por Lobato — era visto pelo público exatamente como isso, um tônico vital. A verdade é que funcionava, e provavelmente curou, ou melhorou, a anemia de muita gente.

Lobato foi adiante na colaboração literário-farmacêutica (segundo a expressão de Marisa Lajolo). Editou o Almanaque do Jeca Tatu, em que explicava, por meio de uma história simples, como se contrai a ancilostomíase e como se evita o problema. Jeca Tatu e sua magra, pálida e triste família recuperaram a saúde graças ao Biotônico Fontoura e ao uso de sapatos. O caboclo se

transforma em fazendeiro rico. Final feliz para ninguém botar defeito.

Jeca Tatu está meio esquecido, mas o problema que personificava continua presente. Ainda hoje a deficiência de ferro é o distúrbio nutricional mais comum no mundo e a principal causa de anemia na infância e na gravidez. Ocorre nos países subdesenvolvidos como um aspecto das múltiplas carências alimentares nessas regiões; mas pode ocorrer também em pessoas de melhor condição social. É uma situação na qual sempre se deve pensar. Para que depois, como Monteiro Lobato, não venhamos a nos arrepender.

Literatura como tratamento

[31/05/2003]

Literatura serve para muitas coisas. Serve para informar, serve para divertir — e serve também para curar ou, ao menos, para minorar o sofrimento das pessoas. Duvidam? Pois então fiquem sabendo que desde 1981 existe nos Estados Unidos uma Associação Nacional para a Terapia pela Poesia, cuja finalidade é o uso da literatura para o desenvolvimento pessoal e o tratamento de situações patológicas. A associação edita o *Journal for Poetry Therapy*, realiza cursos e confere o título de especialista em biblioterapia. O biblioterapeuta trabalha em hospitais, instituições psiquiátricas e geriátricas, prisões. O método é relativamente simples: ele seleciona um poema, um conto, um trecho de romance que é lido para a pessoa. A resposta emocional desta é então discutida.

E respostas emocionais a textos podem ser muito intensas. Exemplo eloquente é *Werther*, de Goethe, cujo jovem personagem se suicida. A publicação da obra suscitou uma onda de sui-

cídios por toda a Europa, coisa que até hoje é evocada quando se discute a veiculação de notícias similares pela mídia. O mecanismo básico que aí funciona é o da identificação, algo que começa muito cedo. Bruno Bettelheim mostrou que os contos de fadas exercem um papel importante na formação do psiquismo infantil, não apenas fornecendo modelos com os quais a criança pode se identificar, como também provendo uma válvula de escape para as tensões emocionais. Na adolescência, os modelos passam a ser outros. E houve época em que os jovens aprendiam a fazer sexo com a literatura conhecida como pornográfica (lembança pessoal: jovens do Colégio Júlio de Castilhos devorando as páginas suspeitosamente amareladas de um velho livro cujo título não recordo, mas que falava na “grutinha do prazer”). E, no século XIX, eram os grandes romances — aqueles de Balzac, por exemplo — que ensinavam as pessoas a viver. Esse papel foi assumido pelo cinema e pela TV, mas a proliferação das obras de autoajuda mostra que as pessoas continuam acreditando em livros como guias para a saúde e para a cura.

Por último, mas não menos interessante, a literatura é importante como fator de estabilidade emocional para os próprios escritores. A associação entre talento e distúrbio psíquico é antiga. Aristóteles já observava que o gênio com frequência é melancólico. Shakespeare dizia que se associam na imaginação o lunático, o poeta e o amante, o que tem contrapartida no dito popular: “De poeta e de louco todos nós temos um pouco”. Kay Redfield Jamison, professora de psiquiatria na Universidade Johns Hopkins, estudou a vida de numerosos poetas e escritores, concluindo que há “uma convincente associação, para não dizer real superposição”, entre temperamento artístico e distúrbio emocional ou mental (doença bipolar, no caso). Nessas condições, escrever

pode ser uma forma de descarregar a angústia e de colocar (ao menos no papel) ordem no caos do mundo interno. Porque a palavra é um instrumento terapêutico, é o grande instrumento da psicanálise. E a palavra escrita tem a respeitabilidade, a aura mística que cerca textos fundadores de nossa cultura, como é o caso da Bíblia. Kafka dizia que era um absurdo trocar a vida pela escrita. Mas ele também reconhecia que sua própria vida era absurda e, nesse sentido, estava optando por uma alternativa com potencial para redimi-lo.

Não precisamos chegar ao extremo de um Kafka. Toda pessoa se beneficiará do ato de ler e de escrever. É terapia, sim, e é terapia prazerosa, acessível a todos. O que, em nosso tempo, não é pouca coisa.

A doença de Machado de Assis

[27/09/2008]

Machado de Assis, cujo centenário de falecimento será lembrado neste dia 29, não teve vida fácil. Mulato, pobre, descendente de escravos, órfão de mãe, ainda teve de enfrentar uma doença que para ele foi uma carga muito pesada. Machado sofria de epilepsia. A doença provavelmente teve início na infância; o escritor aludiu a “umas coisas esquisitas” que sentira quando menino, mas não esclareceu do que se tratava. Aliás, ele relutava muito em admitir seu problema, ainda que suas crises convulsivas tivessem sido testemunhadas por muitas pessoas.

Machado não falava da enfermidade nem mesmo para amigos íntimos e só a revelou à esposa, Carolina de Moraes, depois do casamento. O embaraço aparece até mesmo em sua literatura. Na primeira edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ele diz, ao falar do sofrimento de uma personagem cujo amante morre: “Não digo que se carpisse; não digo que se deixasse rolar pelo chão, epiléptica...”. Nas edições posteriores a frase foi substituída por: “Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa...”. Por causa das convulsões,

não raro mordida a língua, coisa que dificultava a fala, o que ele atribuía a “aftas”.

Machado não foi a única pessoa famosa a sofrer dessa doença muito frequente. O escritor russo Fiódor Dostoiévski teve cerca de quatrocentas crises epilépticas generalizadas convulsivas na fase madura de sua vida. As crises eram sempre seguidas de confusão mental, depressão e distúrbios transitórios de memória e fala. Mas o fato de a doença ser comum não eliminava o penoso estigma que representava, mesmo porque à época praticamente não havia tratamento eficaz.

Parece que Machado de Assis consultou o famoso dr. Miguel Couto e que tomou brometo, um fraco tranquilizante então usado, que não funcionou, causando inclusive efeitos indesejáveis. Mas Miguel Couto afirmava que a epilepsia se constituiu em um desafio para o escritor, um desafio que ele venceu com sua magnífica obra. Neste sentido, ele se identifica com outro grande autor que também foi epiléptico, Gustave Flaubert, e que também enfrentou com bravura o problema.

A epilepsia continua sendo uma doença muito comum, afetando, segundo se calcula, cerca de 50 milhões de pessoas no mundo. Mas a situação hoje é bem diferente daquela que ocorria na época de Machado. Há cerca de duas dezenas de medicamentos capazes de controlar as convulsões e, em certos casos, a cirurgia é eficaz. Após dois a cinco anos de tratamento bem-sucedido, a medicação pode ser suspensa em 70% das crianças e em 60% dos adultos. Machado de Assis certamente ficaria feliz com esta mudança.

Medicina e ficção

[23/01/2010]

Sherlock Holmes, de Guy Ritchie, com Robert Downey Jr. vivendo Sherlock, e Jude Law no papel de dr. Watson, é o mais novo lançamento numa longa série de filmes. O que não deixa de surpreender. O personagem foi criado há mais de um século — e sobrevive. Por quê?

Em primeiro lugar, é preciso dizer que Holmes é um produto da Inglaterra vitoriana, uma sociedade em que a repressão, sexual, inclusive, era a regra. Os instintos reprimidos emergiam sob a forma de violência física e de crimes misteriosos, como aqueles de Jack, o Estripador. Diante disso, o raciocínio passava a ser a principal arma do detetive. E este raciocínio, por sua vez, tinha uma base científica. Sir Arthur Conan Doyle, o criador de Sherlock, era médico, e inspirou-se num famoso cirurgião de Edimburgo, o dr. Joseph Bell, com quem trabalhou. Bell era capaz de fazer diagnósticos antes mesmo que os pacientes abrissem a boca, graças a seu notável poder de observação e a seu aguto raciocínio.

Sherlock Holmes igualmente parte de pequenos detalhes

para suas deduções. Curiosamente, o dr. Watson, o amigo de Sherlock, é médico, mas não tem nenhuma habilidade especial. Na verdade, funciona mais como um interlocutor do que qualquer outra coisa. Mas Sherlock Holmes serve, sim, de modelo para um médico: o dr. House, da já longa série *House*, que foi escolhida como a melhor série televisiva no People's Choice Awards, realizado em Los Angeles, e que, diferentemente do Oscar, resulta da votação do público via internet. Interpretado por Hugh Laurie, antropólogo de formação, House é um gênio do diagnóstico, mas um homem cínico, sarcástico, que não mostra muita simpatia para com os pacientes.

O dr. Bell sabia que era o modelo de Holmes. E não gostava disso. House explica a razão. Bell sabia que medicina não é apenas fazer diagnósticos, muito menos fazer diagnósticos brilhantes. Na maioria das vezes, isso não é necessário — nem difícil, com a avançada tecnologia hoje disponível. Difícil é tratar a doença, difícil é cuidar do paciente. Ao fim e ao cabo, a medicina é isso, uma relação especial entre pessoas.

Não são poucos os médicos que se transformaram em personagens, seja da literatura, seja do cinema, seja da TV, que gosta muito do hospital como cenário para seus dramas e ali coloca figuras como as de Ben Casey, do dr. Kildare, Marcus Welby, Meredith Grey (de *Grey's Anatomy*). Funciona: na Inglaterra, um curioso estudo mostrou que as pessoas conheciam mais o dr. Kildare, e mesmo o dr. Watson, do que médicos ingleses cujo trabalho beneficiou extraordinariamente a humanidade: Joseph Lister, que introduziu a assepsia, e Edward Jenner, pioneiro da vacinação.

O dr. Bell tinha razão: ao menos em termos de medicina, há uma longa distância entre a realidade e a ficção. E a ficção às vezes ganha a briga.